

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
4º SEMESTRE/2004
DISCIPLINA: HISTÓRIA DA AMÉRICA III
PROFESSOR: NORBERTO FERRERAS
ALUNO: EVANDRO DE OLIVEIRA MACHADO

O FUTURO DA AMÉRICA LATINA

*A História é um profeta com o olhar voltado para trás:
pelo que foi, e contra o que foi anuncia o que será.*

Eduardo Galeano

Nós, os latino-americanos “*sem dinheiro no banco e sem parentes importantes*”¹, somos filhos de um mesmo processo histórico. Somos irmãos... Acidentalmente, porque a contragosto dos primeiros colonizadores, recusando a condição de mero combustível humano, configuramo-nos como povos, vale dizer, distintos dos europeus, dos africanos e dos aborígenes. Seríamos uma “Pátria Grande”² não fosse os interesses egoístas de nossas classes dominantes.

Contudo, uma vez desprovidos de um passado étnico comum, o que nos interessa é, pois, o futuro. E é dele que quero falar. Ademais, como ter saudades da *mita*, da *encomienda* ou da escravidão, por exemplo? Nossa estatura subdesenvolvida não nos permite ver muito bem o bosque, mas temos nossas *sierras* de onde podemos contemplar um horizonte maravilhoso. Ainda que nossas cáries nos envergonhe a todos, há motivos para sorrir sem medos, pois este futuro será tudo – menos capitalista.

Posso ver o socialismo, seguramente. Sim, ele está lá; posso vê-lo... Mas vejo, também, uma difícil jornada; muitos sofrimentos... E muita luta.

INTRODUÇÃO

“Há desacordos e desacordos – escrevia Píssarev sobre o desacordo entre os sonhos e a realidade. – Os meus sonhos podem ultrapassar o curso natural dos acontecimentos ou podem desviar-se para um lado onde o curso natural dos acontecimentos não pode nunca chegar. No primeiro caso, os sonhos não produzem nenhum dano, e podem até apoiar e reforçar as energias do trabalhador... Em sonhos desta índole, nada existe que possa deformar ou paralisar a força do trabalho. Bem pelo contrário. Se o homem estivesse completamente privado da capacidade de sonhar assim, se não pudesse de vez em quando adiantar-se e contemplar em imaginação o quadro inteiramente acabado da obra que se esboça entre as suas mãos, eu não poderia, de maneira alguma, compreender que móbil levaria o homem a iniciar e levar a seu termo vastos e penosos empreendimentos nas artes, nas ciências e na vida prática... O desacordo entre os sonhos e a realidade nada tem de nocivo, sempre que a pessoa que sonhe acredite seriamente no seu sonho, observe atentamente a vida, compare as suas observações com os seus castelos no ar e, de uma maneira geral, trabalhe escrupulosamente para a

¹ Belchior; MPB: “*Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior*”. Não podemos nos esquecer das contradições de classe.

² Ribeiro, Darcy; *América Latina: A Pátria Grande*; Guanabara; Rio de Janeiro; 1986.

realização das suas fantasias. Quando existe um contato entre o sonho e a vida, tudo vai bem”.³

Pretendo, neste trabalho, arriscar prognoses. Tarefa árdua sobretudo porque a história, embora ciência, não é exata. Mas acredito possível prever algumas tendências coerentes se fundadas no exame cuidadoso do processo histórico. E mais ainda: pretendo demonstrar que o meu otimismo sobre o futuro de nossa América, a despeito do elevado preço – em vidas e meios de produção – que teremos de pagar por nossa verdadeira liberdade, não é mera especulação desprovida de fundamentos históricos.

O PROCESSO HISTÓRICO

Conta-se que na Europa do início do século XVI morava um homem muito idoso, de barbas longas, de olhar profundo – sempre mirado na linha do horizonte; de fala mansa e que – diziam os populares – tinha poderes mágicos. Era um profeta. Todos lhe tinham com muito respeito e admiração. Suas palavras eram sábias.

Um dia foi procurado por um jovem aventureiro, neto de servos, que embarcaria numa daquelas viagens para o além-mar, à procura de novos horizontes.

- *Mestre: dizem que o novo continente é gigantesco. Há fartura de terras férteis e nenhum senhor para nos exigir rendas. Diga-me, Profeta, a liberdade tão almejada pelos meus avós será possível no novo mundo?*
- *Meu jovem, não vejo a liberdade; vejo o trabalho forçado, a escravidão.*
- *Mas como?!*
- *Responda-me, meu caro jovem, quem está financiando esta aventura?*
- *Os Reis, os comerciantes e os emprestadores de dinheiro.*
- *Acaso não tem sido a procura de riqueza, de status e de poder a tara destes senhores?*
- *Sim, Mestre, sempre foi assim.*
- *Não é a Europa o centro do mundo? Não é aqui o melhor lugar do mundo para o gozo de luxos, prazeres e vaidades?*
- *Sim, Mestre, é aqui.*
- *E mesmo aqui na Europa, lugar onde vivem, preocupam-se com seus vizinhos desafortunados?*
- *Claro que não, Mestre! Nunca ligaram para os pobres.*
- *Ora, se sequer pretendem morar no novo continente, e como sabes que destes senhores não se pode esperar boa coisa, o que lhe aguarda esta aventura? Se acaso lá existirem habitantes, o que achas que para eles levarão as caravelas?*
- *É... [o jovem ficou pensativo por alguns minutos] Espero que não haja ninguém morando por lá... Mas, Amado Mestre, por que a escravidão, os trabalhos compulsórios? Não poderia haver outra alternativa? Como tens tanta certeza disto?!*

³ “ ‘É preciso sonhar’. Escrevi estas palavras e assustei-me. Imaginei-me sentado no ‘congresso de unificação’, tendo à minha frente os redatores e colaboradores da *Rabótcheie Dielo*. E eis que se levanta o camarada Martínov e, em tom ameaçador, dirige-se-me: ‘Permita-me que lhe faça uma pergunta: tem ainda a redacção autónoma o direito de sonhar sem prévio referendo dos comitês do partido?’ Atrás dele levanta-se o camarada Kritchévski e (aprofundando filosoficamente o camarada Martínov, que, há muito tempo já, tinha aprofundado o camarada Plekhánov), num tom ainda mais ameaçador, continua: ‘Eu vou ainda mais longe, e pergunto se em geral um marxista tem o direito de sonhar (grifo meu), se não esquece que, segundo Marx, a humanidade sempre pôs perante si tarefas realizáveis, e que a táctica é um processo de crescimento das tarefas, que crescem com o partido’. [É impossível segurar as gargalhadas...] [§] Só de pensar nestas perguntas ameaçadoras sinto calafrios [sentimos, caro Lênin, sentimos], e não penso senão numa coisa: onde me esconder. Tentarei esconder-me atrás de Píssarev”. Em seguida, a citação já posta no corpo do texto. Lênine, V. I.; *QUE FAZER?*; IN Obras Escolhidas em 3 tomos; ALFA-OMEGA; São Paulo; 1986; Tomo I; pp. 200-201. Publicado em março de 1902.

- *Ora, meu jovem, se fosse você um dos servos do gigantesco continente, não fugiria para o interior à procura de novas terras sem senhores, sem obrigações feudais?*
- *Sem nenhuma dúvida!*
- *Aceitaria trabalhar para o seu senhor em troca de salário?*
- *Mestre: tens-me feito perguntas cujas respostas são óbvias. Por que alguém trabalharia para outro podendo trabalhar para si mesmo, ainda mais quando sabemos que tais salários nunca seriam grandes coisas?*
- *E qual seria a única saída para lhe obrigarem a ficar nas terras dos seus senhores?*
- *Teriam que me vigiar o tempo todo, pois na primeira oportunidade eu fugiria. E também não trabalharia para eles! Meus avós não tinham alternativa, mas lá eu a terei.*
- *Sim; disse-me tudo. Apresamento, coação sobretudo física para obrigá-lo a trabalhar e vigilância constante para impedi-lo de fugir. Não seria isto a escravidão?*
- *Caramba!!! Tens razão!!!*
- *Pois é, meu jovem... Não digo que serás tu um escravo. Mas te garanto que lá dominará a escravidão, o trabalho forçado. Disseram-me que não há nada para se comerciar por lá. Então, se resolverem se instalar, terão que produzir qualquer coisa que antes apenas transportavam. Precisarão de braços para o trabalho. Escravizarão os moradores de lá, se houver algum. Em não havendo, levarão para lá, como escravos, habitantes de qualquer outra parte do mundo. Tu sabes: eles são capazes de qualquer coisa. Se toparem com grupos mais organizados, sociedades mais estruturadas, farão de tudo para dominá-las; farão guerras e levarão a morte, o roubo e a destruição. É o que pressinto...*
- *Mestre: vejo que tens poderes mágicos; podes prever o futuro. És um Profeta!*
- *Não, meu jovem amigo, engana-se. Não sou um profeta e também não tenho poderes mágicos.*
- *...!!!??? ... O que és, então, Mestre?!*
- *Sou apenas um humilde historiador.⁴*

No exame de todo o processo histórico latino-americano, somos compelidos a estabelecer constantes relações entre o que se passava nos centros metropolitanos e os reflexos mais ou menos diretos em nosso continente.⁵ Nunca foi um mecanismo de mão única, com efeito. O que ocorria aqui também exercia forte influência sobre o que se decidia por lá.

A empresa de colonização, tanto espanhola quanto portuguesa, baseava-se no capital comercial. Os lucros vinham da circulação, não da produção de mercadorias.⁶ A

⁴ Estória inventada.

⁵ Sabemos que um continente, do ponto de vista geográfico mais ortodoxo, significa grandes massas de terras cercadas por águas oceânicas. Portanto, a América Latina, enquanto continente, o é apenas enquanto expressão histórico-política, evidentemente.

⁶ “Nas Índias, trata-se para o capital comercial europeu (...) de comerciar, assegurando privilégios e monopólios. Na América, não há como comerciar: as comunidades primitivas não consomem senão o que produzem; não produzem senão para o seu próprio consumo; nada produzem suscetível de tornar-se mercadoria, isto é, de ser objeto de troca, de ser consumido no mercado europeu. (...) Ora, a colonização não esteve jamais nos propósitos da empresa mercantil que impulsionou as navegações, montada especificamente para a troca. Ela operara sempre na pressuposição da existência de produção local, nas áreas com que mantinha a troca. Não fora montada para produzir, e muito menos para produzir em ultramar, - mas para trocar o produzido por outrem. A sua tarefa consistia em levar ao Oriente mercadorias produzidas na Europa, uma vez que ali eram objeto de consumo, e trazer do Oriente mercadorias ali produzidas, uma vez que eram objeto de consumo na Europa. Na área americana ocorria o inverso: não havia produção local e não havia mercado para o que a Europa produzia. Logo, não havia lugar para o

descoberta espanhola de metais preciosos vai despertar os interesses metropolitanos por nosso continente. Dividem formalmente o mundo entre si.⁷

Antes mesmo da primeira expedição ibérica colonizadora, nosso destino já estaria mais ou menos traçado: seríamos produtores de produtos primários comercializáveis na Europa, produção esta realizada em grandes propriedades com o emprego do trabalho compulsório, incluindo a sua forma escravista. Latifúndio⁸, monocultura e trabalho compulsório era o que se podia esperar de um conjunto de condicionamentos históricos discutidos a seguir.

O primeiro deles, a grande propriedade. Dito de outra forma, o grande empreendimento. Tomemos, como exemplo, a produção açucareira no Brasil⁹. Paralelos com as dificuldades na extração de prata na região espanhola são viáveis, mas não serão feitos aqui para encurtar a análise. A empresa agrícola, até hoje, embora em menor escala devido aos avanços tecnológicos, é obrigada a se submeter aos ciclos vegetativos. A cana-de-açúcar não é uma planta de ciclo vegetativo curto (até 6 meses entre o plantio e a colheita). Para se ter uma idéia, um primeiro plantio demanda quatro ou mais anos, a partir dos quais a colheita pode ser feita anualmente, sendo que depois de aproximadamente cinco anos, deve-se fazer o replantio.¹⁰ Com estes prazos iniciais de carência somados aos custos de importação de equipamentos e mão-de-obra, a “seleção natural” haveria de consolidar uma estrutura econômica baseada na grande propriedade, sustentada inicialmente por grandes capitais, sendo os pequenos absorvidos pelos grandes, ou submetidos a eles, como os primeiros plantadores de cana que, por falta de capitais, não puderam contar com o seu próprio engenho, sucumbindo diante da concorrência com aqueles que dispunham, além do canavial, também do engenho (agromanufatura).¹¹

Com a grande propriedade, a monocultura. Diversificar significaria desviar capitais do setor mais lucrativo¹².

comércio de intermediários que era específico do mercantilismo”. Sodré, Nelson Werneck; *FORMAÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL*; Bertrand Brasil; Rio de Janeiro; 1987; pp. 60-61.

⁷ Tratado de Tordesilhas (1494) assinado por Espanha e Portugal. Foi a primeira divisão política do nosso continente. A fronteira foi estabelecida por um meridiano de 370 léguas a oeste de Cabo Verde. Partindo-se da Europa, as terras para além dele pertenceriam à Espanha; para aquém dele, à Portugal.

⁸ Quando emprego a palavra “latifúndio” (uma extensa propriedade rural) penso também nas grandes minas organizadas pelos espanhóis, sobretudo com o emprego de trabalho compulsório. O gigantismo que a palavra transmite deve ser visto – também – como expressão dos volumes enormes de capitais necessários para a organização da produção tanto agrícola quanto mineradora. Não se quer dizer, com isto, que no caso da produção mineradora, a inexistência de capitais concentrados operaria como um obstáculo intransponível, como ocorreu na produção de açúcar no Brasil. Isto dependeria das facilidades ofertadas pela natureza. No Brasil, no início do século XVIII, o trabalho de extração de ouro, em veios superficiais, era artesanal. No início da colonização espanhola, as exigências de capitais não eram enormes, mas logo a seguir, diversos fatores obrigariam – sobretudo no caso da prata – a mobilização de grandes capitais (importação de mercúrio sem o qual não se separava a prata, e etc.)

⁹ A rigor, só podemos falar de Brasil como entidade política em 1822, ano de sua independência.

¹⁰ Pesquisa feita na Internet. Todos os autores brasileiros consultados - Caio Prado Júnior (*HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL*), Nelson Werneck Sodré (*FORMAÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL*), Celso Furtado (*FORMAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL*) e MANOEL MAURÍCIO DE ALBUQUERQUE (*PEQUENA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA*) são unânimes em afirmar que as dificuldades iniciais da empresa açucareira, incluindo o ciclo vegetativo da planta, determinavam elevados custos na sua instalação. Desgraçadamente, nenhum deles especifica o ciclo vegetativo da cana.

¹¹ O leitor poderá questionar: mas por que só o açúcar? Porque adaptava-se às condições ecológicas, era aceito tradicionalmente no mercado europeu, tinha valor agregado importante e a produção e comercialização não eram novidades para Portugal, que já tinha plantações nas ilhas da Madeira e de São Tomé, nos Açores e no Cabo Verde.

¹² “A grande propriedade será acompanhada no Brasil pela monocultura; os dois elementos são correlatos e derivam das mesmas causas. A agricultura tropical tem por objetivo único a produção de certos gêneros de

Quanto ao trabalho compulsório, deixemos falar Fernando Novais: "A análise que vimos esboçando do Antigo Sistema Colonial não se completa sem o estudo (...) do tipo de economia que se organiza nas colônias".¹³ O autor vai demonstrar que o escravismo e o tráfico negreiro foram conseqüências naturais do sistema colonial mercantilista, cujo objetivo era promover a acumulação de capital nas respectivas metrópoles. **"É esse sentido profundo que articula todas as peças do sistema."**¹⁴ Sua explicação sobre a inevitável supremacia do regime de trabalho compulsório nas áreas coloniais plenamente integradas ao "Sistema Colonial mercantilista" é demolidora, sobretudo porque põe por terra antigas concepções que viam, por exemplo, na escassa população européia as razões da procura do trabalho africano, explicação que nunca deu conta de o porquê do trabalho africano ter sido escravo e não "livre" (assalariado).¹⁵ "(...) o desenvolvimento do trabalho 'livre' (...) envolveu, de uma parte, a superação dos laços servis (...), de outra, a separação entre os produtores diretos e todos os demais fatores de produção [terras, instrumentos de trabalho]. (...) Marx (...) pôde constatar com nitidez que nas colônias eram desfavoráveis as condições de constituição do regime de trabalho 'livre', **sempre havendo a possibilidade de o produtor direto assalariado, apropriando-se de uma gleba de terra despovoada, transformar-se em produtor independente.**"¹⁶ Ademais, esse sentido profundo que é o de acumular capitais nas metrópoles estimularia a escravização de africanos – uma mercadoria – em detrimento dos aborígenes – apenas um "fruto da terra".¹⁷

A ausência de uma acumulação primitiva de capital em toda a Europa, a solução deste sério problema para a expansão da economia de mercado determinou e comandou inicialmente toda a montagem de um complexo sistema colonial mercantilista. Daí a formação de companhias privilegiadas de comércio e a imposição do monopólio comercial como única solução economicamente viável, compreendendo-se a "concorrência" colonialista como uma disputa entre as nações (disputa entre monopólios) por uma maior parcela de "exclusivos" e não como um processo de ruptura cuja intenção seria pôr fim aos monopólios comerciais. Em razão do papel destinado às colônias (enricar as metrópoles), o emprego de trabalho compulsório, sendo a escravidão a sua forma limite, se impôs como única "opção" capaz de garantir, pela vigilância e por todo tipo de coação disponível, que os produtores diretos não se desviassem de sua "missão",

grande valor comercial, e por isso altamente lucrativos. Não é com outro fim que se enceta, e não fossem tais as perspectivas, certamente não seria tentada ou logo pereceria. É fatal portanto que todos os esforços sejam canalizados para aquela produção; mesmo porque o sistema da grande propriedade trabalhada por mão-de-obra inferior, como é a regra nos trópicos, e será o caso no Brasil, não pode ser empregada numa exploração diversificada e de alto nível técnico." Júnior, Caio Prado; *HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL*; Brasiliense; São Paulo; 1988; p. 34.

¹³ Novais, Fernando A.; *Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial (séc. XVI – XVIII)*. IN: *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. SP: Hucitec, 1979, cap. 2, pp.69.

¹⁴ Idem, p. 77. Grifo meu.

¹⁵ A escravidão de nacionais, assunto impossível de se desenvolver aqui, deteriora, desagrega, com o tempo, todas as relações sociais; por isso, historicamente, a preferência pela escravização de estrangeiros e o correspondente abrandamento e posterior eliminação da escravidão de nacionais.

¹⁶ Ibidem; pp. 83-84. Grifos meus. "Eric Williams^(...), que retoma as análises marxistas para estudar a gênese do moderno escravismo, nota com muita razão que a implantação do escravismo colonial, longe de ter sido uma opção (salariação, escravismo), foi uma **imposição das condições histórico-econômicas.**" P. 84; grifo meu.

¹⁷ "(...) **O tráfico negreiro**, isto é, o abastecimento das colônias em escravos, abria um novo e importante **setor de comércio colonial**, enquanto que o apresamento dos indígenas era um negócio interno da colônia. Assim, os ganhos comerciais resultantes da preação dos aborígenes mantinham-se na colônia, com os colonos empenhados nesse "gênero de vida"; a acumulação gerada no comércio de africanos, entretanto, fluía para a metrópole, realizavam-nas os mercadores metropolitanos, engajados no abastecimento dessa "mercadoria". Ibidem; p. 89. Grifos meus.

qual seja, a de produtores de mercadorias exportáveis somente para as suas respectivas metrópoles. A "opção" pelo escravo africano, ao invés do aborígene, respondeu também ao imperioso processo de transferência de renda para as zonas metropolitanas, acumuladoras de capital.

É, pois, a busca pelo acúmulo de capital nas metrópoles a articuladora de todas as peças do sistema colonial mercantilista: o exclusivo metropolitano, o latifúndio, a monocultura, o trabalho compulsório e o tráfico negreiro.

No curso de quase três séculos de implantação do sistema colonial, configura-se, de geração a geração, uma classe dominante local cujos interesses, uma vez em conflito com o antigo sistema colonial em decadência, vão detonar um processo de independência política que, ao contrário do que pretendiam personagens como Simón Bolívar, resultaria num amontoado de nações. Francamente, embora arriscado afirmar, acredito ser possível chamá-las algumas de fazendas-nações ou nações-fazendas, constituindo as fronteiras políticas meras extensões do conjunto de propriedades oligárquicas. Tal seria possível dada a exclusão social que se manteve quase que intacta pós-independência e à impossibilidade de acesso à pequena propriedade privada da terra.

“Após terem conquistado a ‘independência’, vencidas as fases de anarquia militar, guerras civis, insurreições populares de toda ordem, crises econômicas, desorganização dos aparelhos estatais, crises políticas, os ‘latifúndios’ entram numa nova fase: incorporarem-se novamente no mercado mundial, que é o que sabem fazer, via exportação de um ou mais produtos primários exigidos agora pelos novos centros industriais.

Mas estão falidos; precisam de capital e de mercados. O imperialismo lhes oferece os dois, dividindo internacionalmente o trabalho, às custas de um liberalismo que converte os territórios latino-americanos em ‘terra-de-ninguém’. Aplicam seus capitais em toda sorte de empreendimentos, instalam suas empresas, verdadeiras bombas de sucção de mais-valia¹⁸; drenam o produto do sangue, do suor e das lágrimas de nossos povos, sem taxas alfandegárias, isentos de tributação, e quando temporariamente vão embora de um ou outro lugar, deixam um rastro de devastação e miséria. Ao abrirem o mercado interno, ampliado pelo emprego do trabalho livre, sufocam os processos pré-industriais¹⁹ em curso, distanciando ainda mais as possibilidades de independência econômica de nossos países.

Herdeiras do antigo sistema colonial (grande propriedade, monocultura e trabalho compulsório), e agora com o poder político, as oligarquias latino-americanas vão se associar ao imperialismo, sem o menor escrúpulo, bitolando a economia de seus países na especialização da produção de poucos artigos primários de exportação, privatizando os lucros e socializando cinicamente os prejuízos.

As sociedades latino-americanas, conformadas no curso deste processo, somado a uma história de domínio de classe secularmente despótico, não poderiam configurar-se senão como sociedades brutalmente autoritárias e excludentes”.²⁰

A economia agroexportadora, base econômica das oligarquias, vai sofrer fortes abalos com a 1ª Guerra Mundial.²¹ A despeito de divergências historiográficas, é muito

¹⁸ A configuração da malha ferroviária mexicana é um exemplo espetacular! Elas partiam dos EUA adentrando o território mexicano em direção à Cidade do México, por exemplo, como se fossem realmente “tubos de sucção”. Através delas, chegavam aos EUA os produtos primários mexicanos (minérios, etc.).

¹⁹ Para uma definição conceitual de “pré-indústria”, ver Beauclair, Geraldo; *RAÍZES DA INDÚSTRIA NO BRASIL*; Studio F&S Editora; Rio de Janeiro; 1992.

²⁰ Trecho retirado de meu primeiro trabalho de América III.

²¹ A partir de 1914, o preço dos produtos primários sobem, mas após o conflito, os preços caem. Somente em 1928 há uma recuperação dos preços mas não dos volumes de exportação. (Notas de aula) De agora em diante, toda a análise do processo histórico terá como fonte notas tomadas em sala de aula.

difícil não concordar com a tese segundo a qual o conflito – mais europeu de que propriamente mundial – teria bloqueado o fornecimento de bens manufaturados para nossa América, a julgar, por exemplo, pelos prejuízos ao comércio atlântico em virtude da ação destruidora dos submarinos alemães. O esforço de guerra também desorganizava a produção tradicional. É neste vácuo que podemos perceber o surgimento mais nítido de uma “indústria latino-americana de substituição de importações”. Com a crise mundial de superprodução de 1929, tal processo se acelera. Este é o período em que a hegemonia inglesa perde campo para a hegemonia norte-americana.²² É também um período de enfraquecimento das oligarquias, por três razões: a primeira porque estando a Europa em crise, decresce a exportação dos produtos primários; a segunda porque mesmo com o deslocamento do poder imperialista para os norte-americanos, estes não precisam da maioria dos produtos primários latino-americanos em relação aos quais também são produtores, excluindo um ou outro, como o café, por exemplo. A terceira, o surgimento de novas forças sociais, precisamente uma burguesia industrial e o seu calcanhar de Aquiles, o proletariado, não dispostos a bancar sacrifícios para o sustento de oligarquias falidas. A crise econômica, se de curta duração, daria fôlego às oligarquias, mas tal não foi o que se deu. A crise do poder oligárquico tornou-se inevitável.

O ano de 1930 pode ser considerado um marco, pois dele em diante as crises de domínio oligárquico vão ser a tona em toda a América Latina, encontrando soluções de força em quase todos os países, com exceção do México e da Venezuela. O modelo predominante foi, respeitadas algumas diferenças, o do Estado Novo, no Brasil. Nele, o matrimônio entre o latifúndio e a “burguesia nacional” é forçado pelas circunstâncias. Na prática, mesmo acomodados os interesses agroexportadores, o que se vê é um desvio de investimentos estatais do setor primário para o setor secundário da economia. Uma das explicações seria a procura de saídas para a crise econômica na mudança da estrutura produtiva, diminuindo gastos com importações, aproveitando as potencialidades do mercado interno, diversificando as exportações e etc.²³

Entre as décadas de 30 e 40 o processo de associação de capitais nacionais com o imperialismo ianque ganha corpo. Os EUA, para vencerem barreiras alfandegárias - ainda que muito tímidas -, instalam algumas de suas indústrias, como a automobilística, por exemplo, em nossos territórios, juntando-se a empresários locais que, por sua vez, aceitam a condição de sócios subalternos. O baixo preço da força de trabalho latino-americana operava como ímã de empresas estrangeiras. Se existia alguma “burguesia nacional”, o que é muito discutível, uma coisa é certa: poderia ser nacional mas, sem medo de errar, nunca foi nacionalista. Aliás, o que se esperar de uma burguesia, por exemplo, cujos pais ou avós eram grandes latifundiários, e estes, por sua vez, filhos ou netos de senhores de escravos?

De 1940 até aproximadamente 1970, a América Latina entra na sua fase populista. Governos avessos à organização popular, assistencialistas, “conciliadores de classe”, demagogos, nacionalistas-modernizadores, enfim, governos cujas bases sociais eram predominantemente urbanas, com exceção de Cárdenas, no México.²⁴ Os governos populistas nunca tiveram muito respeito pela democracia liberal.²⁵ Surgidos nos períodos

²² É muito interessante a seguinte observação: a partir de 1930 verifica-se uma mudança no padrão tecnológico do sistema de transportes. De trens (matriz inglesa) para estradas (EUA – ônibus, caminhão, etc.).

²³ Há entraves estruturais na América Latina para um desenvolvimento industrial. O maior deles, penso, a inexistência de um poderoso mercado interno de artigos de consumo de massa, dada a brutal concentração secular de renda.

²⁴ Vargas (1951-54) e Perón (1946-55) podem ser considerados como governos populistas clássicos.

²⁵ Aqui é preciso saber se não respeitavam a democracia liberal por opção ou porque tal democracia, em nossa América, nunca se deu ao devido respeito. Acho que as duas razões são explicativas.

de ascensão das massas sobretudo urbanas, vai ganhá-las para o seu lado via promessas de toda ordem, cooptação de lideranças populares e algumas concessões econômicas que, de certa forma, acomodariam os setores populares.²⁶

É precisamente na incapacidade de continuar conciliando as contradições de classe que encontramos as causas da crise do populismo na América Latina.²⁷ Mas outros fatores foram determinantes para a sua derrocada.

Com o término da 2ª Guerra Mundial, os EUA surgem como a maior potência política, econômica e militar do bloco ocidental. Vai disputar o mundo numa Guerra Fria com a URSS, reeditando um Tratado de Tordesilhas de novo tipo. Volta-se para a América Latina com uma fúria sem paralelo, sobretudo depois da vitória da Revolução Cubana, em 1959, de caráter socialista. Instala governos fantoches em quase todos os países, via ditadura militar.²⁸ É o fim do período populista.

A América Latina, em linhas gerais, só voltará a respirar ares democrático-burgueses por volta da década de 1980, a chamada “década perdida”²⁹. Em contrapartida, aprofunda-se a exploração imperialista, não pelas vias tradicionais de um capitalismo assentado em bases reais da economia, que continuam, mas também – e sobretudo – pela mais deslavada sem-vergonhice internacional, qual seja, a exploração financeira expressa na cobrança de dívidas externas muito duvidosas, de empréstimos condicionados a implantação de macabros planos econômicos feitos em Washington ou em Chicago, na manipulação das taxas de juros internacionais, enfim, em mecanismos que só um filósofo idealista radical como Hegel poderia nos explicar ou, quem sabe, um estelionatário famoso qualquer.³⁰

AS CONDIÇÕES OBJETIVAS

Com a implantação generalizada de políticas neoliberais, a América Latina, a partir da década de 1980, aprofunda a sua pobreza³¹. Mais importante do que quantificar

²⁶ O modelo político-econômico populista sofreu a influência de três correntes de pensamento: O New Deal (EUA), o fascismo (Alemanha) e o comunismo (URSS).

²⁷ Até que ponto é possível conciliar os interesses entre o pescoço e a guilhotina? É o que sempre nos pergunta um comentarista político, Carlos Chagas.

²⁸ Brasil de 1964, Chile de 1973 são alguns exemplos.

²⁹ Década perdida porque não se teria observado crescimento econômico na maioria dos países latino-americanos. Houve enormes dificuldades para o pagamento de algumas dívidas externas. O Brasil, no governo do latifundiário José Sarney, decreta moratória unilateral por impossibilidade de pagamento.

³⁰ “Joelmir Beting reage:

-- Dólar é hoje moeda de intervenção e não de referência. Intervenção armada em nossos países. A subida do dólar reflete o descalabro da economia dos Estados Unidos. A referência do rublo é o ouro. O rublo tem lastro, o dólar não. Por isso a União Soviética é prejudicada pela valorização do dólar, desde que Nixon cortou, por telefone, o lastro em ouro da moeda norte-americana. De certa maneira, essa moeda que hoje compra o mundo é uma moeda falsa. É um mistério o volume de dólar que existe, atualmente, fora dos Estados Unidos. (...) O dólar, hoje, não é mais uma divisa de referência, é um instrumento de intervenção nas relações econômicas mundiais. O dólar é, na verdade, uma moeda falsa, porque não tem lastro na economia americana. Não tem respaldo no PIB dos Estados Unidos. É como se os Estados Unidos estivessem comprando o mundo com moeda falsa. (grifos meu).

[Fidel] – A América Latina tomou emprestado dólares em baixa cotação e, agora, deve pagar com dólares em alta cotação.

Isso é pirataria financeira, para dizer o mínimo – reage Joelmir”. Frei Betto, *Fidel e a Religião. Conversas com Frei Betto*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1986, pp. 35, 51 e 52.

CÓDIGO PENAL BRASILEIRO; Estelionato: Art. 171: Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento. Pena – reclusão de 1 (um) a 5 (cinco) anos, e multa.

³¹ No Chile, o neoliberalismo chegou bem antes. A ditadura militar instalada em 1973 impôs o neoliberalismo a ferro e fogo. Foi a primeira experiência neoliberal do mundo. Na Bolívia, em 1985; no

este processo é tentar esclarecer a dinâmica deste movimento econômico-social, as possibilidades de detê-lo nos moldes em que opera ou, na ausência destas, a busca de outras vias possíveis.

O produto do desenvolvimento histórico latino-americano, já superficialmente discutido, nos deu como herança uma classe dominante extremamente brutal na defesa dos seus interesses, avessa às formas mais burguesas de convívio entre as classes, porque nascida das entranhas dos exploradores de trabalho compulsório, e subserviente no trato com o imperialismo, aceitando uma posição subalterna na repartição do produto do sobretabalho de “seus” povos.

Os setores populares, esmagados por um processo histórico de extrema exclusão de toda ordem, por sua vez, nunca experimentaram dias de fartura. Suas aspirações, portanto, são tão singelas que o seu não atendimento só pode ser explicado pela incapacidade – estrutural - de uma ordenação sócio-econômica que ao invés de encurtar as distâncias entre ricos e pobres, pelo contrário, converte o polo dos ricos em milionários, e o dos pobres em miseráveis.

Nestas condições, lembrando-me dos antecedentes da Revolução Mexicana, sinto-me no direito de afirmar - não como profeta - que a explosão de revoluções latino-americanas é inexorável.

Um paralelo entre os antecedentes da Revolução Mexicana e as condições sócio-econômicas de nossa América atual é quase que obrigatório.

No México ditatorial de Porfírio Díaz (1877-1911):

- 1 – O desenvolvimento acelerado das forças produtivas altera brutalmente as relações sociais de produção;
- 2 – O capital estrangeiro experimenta uma liberdade de ação quase que total;
- 3 – Grande quantidade de terras camponesas são confiscadas e incorporadas à grande propriedade, provocando uma urbanização caótica;
- 4 – As crises de abastecimento passam a ser constantes, em virtude da conversão das terras camponesas, antes produtoras de alimentos para o consumo local, em produtos diversos voltados para o mercado externo;
- 5 – Verifica-se um aumento da repressão sobre todos os setores descontentes, sobretudo operários e camponeses;
- 6 – Há uma combinação explosiva entre explosão demográfica e concentração de renda;
- 7 – A mobilidade social, operando como válvula de escape para os setores médios (classe média), é bloqueada no México. Nela, somente amigos e parentes da oligarquia têm acesso;
- 8 – A classe operária e o proletariado em geral são atingidos pela inflação, pelo aumento de impostos, pelo agravamento das condições de trabalho, pelo desemprego provocado por inovações tecnológicas;
- 9 – Uma fração não hegemônica da classe dominante, descontente e disposta a lutar pelos seus interesses, também conspira para a derrubada de Porfírio; e
- 10 – O próprio imperialismo, insatisfeito com algumas autodeterminações de Porfírio, vai literalmente exigir a sua retirada.

O caráter da Revolução Mexicana foi, em linhas gerais, burguês, em que pese a imprecisão do termo.

Ao relermos todos os itens acima descritos, mas com o olhar voltado para o conjunto dos países latino-americanos de 2004, veremos que, respeitadas as

México, 1988; na Argentina e na Venezuela, em 1989; no Peru, em 1990; no Brasil, em 1992. Ver Anderson, Perry; *NEOLIBERALISMO: ORIGEM E CONSEQÜÊNCIAS*; reproduzido por: Secretaria de Imprensa e Comunicação – Secretaria de Formação do Sindicato dos Bancários do Espírito Santo – CUT; Espírito Santo; sem data.

especificidades locais e algumas exceções – como Cuba -, quase todos são aplicáveis aos demais países, excluindo-se os dois últimos. É pouco provável que frações da classe dominante historicamente subalternas embarquem num processo revolucionário que, nas condições atuais, dificilmente será de caráter burguês. Quanto ao imperialismo, excluindo-se Hugo Chaves (Venezuela) e naturalmente Cuba, todos os demais conformaram-se em governar dentro dos marcos de dependência e subordinação sobretudo norte-americanos.³²

Seria estender por demais a análise se discutíssemos cada um dos fatores que provocaram a explosão mexicana e sua recorrência na atualidade, generalizada a quase todo o continente. No entanto, estou convencido de que um exame cuidadoso das condições econômico-sociais de cada um dos países latino-americanos confirmaria a hipótese de que nossa América, hoje, a despeito de a história nunca se repetir, marcha para o México de 1910³³. Três seriam as principais diferenças: a primeira, que a revolução, ao contrário do que se deu no México, partiria da cidade para o campo, em virtude de um processo de urbanização caótico operado no curso de todo o século passado. A segunda, que o seu caráter não poderia ser outro senão socialista, ainda que na sua forma evolutiva e não revolucionária.³⁴ Não sendo socialista, dificilmente seria revolução, dada a cumplicidade de interesses entre as elites locais e o imperialismo, comprometidos tacitamente com a manutenção de tudo o que aí está, pois é precisamente desta permanência que tiram seus lucros.³⁵ Para o esclarecimento da terceira diferença, deixemos falar um anti-imperialista:

“Na Revolução mexicana é conhecida a importância que os caminhos de ferro têm na luta, principalmente para a Divisão do Norte. Os caminhos de ferro não deixam de expressar, de maneira condensada, a síntese das contradições que conduziram o México à própria Revolução. Símbolo das inovações tecnológicas e da integração ao mercado mundial, os trilhos conduzem uma locomotiva de forças produtivas que atravessam um México fundamentalmente agrário e transtornam as antigas relações de

³² Lula, atual presidente do Brasil, é um exemplo clássico. Incapaz de alterar as estruturas neocoloniais, apela para políticas compensatórias.

³³ “O desenvolvimento do mundo material realiza-se por ciclos de desenvolvimento (...). Os ciclos de desenvolvimento não constituem, porém, um desenvolvimento superior [em linha reta], antes se assemelham mais a uma espiral (para usar uma imagem clara), que, em certa medida, liga simultaneamente o desenvolvimento superior a um regresso ao ponto de partida do ciclo de desenvolvimento, porque determinadas características, propriedades, etc., do anterior grau de desenvolvimento reaparecem em nível de desenvolvimento mais elevado (grifo meu). Lênine chamou-lhe um <desenvolvimento que parece repetir etapas já percorridas, mas sob outra forma, numa base mais elevada (...): um desenvolvimento por assim dizer em espiral e não em linha reta>”. Hahn, Erich; Kosing, Alfred; *A FILOSOFIA MARXISTA LENINISTA*; Edições Avante; Lisboa; 1983; pp. 74-75. Citação de Lênine: V. I. Lênine, *Karl Marx, Obras Escolhidas em três tomos, Edições “Avante!” – Edições Progresso, Lisboa-Moscovo, 1977, t. 1, p. 10.*

³⁴ Para uma discussão sobre socialismo evolutivo e revolucionário, ver: Ribeiro, Darcy; *AS AMÉRICAS E A CIVILIZAÇÃO*; Vozes; Rio de Janeiro; 1983; pp. 517-525.

³⁵ “(...) ali onde as esquerdas marxistas venham alcançar vitórias, qualquer que seja o seu caráter (grifo meu), a implantação de um regime sócio-político de transição ao socialismo enfrentaria enormes obstáculos porque poria em xeque toda a estrutura de poder vigente, desencadeando um processo político altamente conflitivo. O derrocamento desse novo poder, através de um golpe militar impulsionado de dentro e de fora do país, geraria tensões cujo desenlace seria imprevisível. Sua consolidação, se alçada, representaria o desafio de desenvolver um novo modelo de socialismo que deveria realizar a reordenação racional da sociedade sob as difíceis condições de enfrentar, internamente, a contra-revolução e, externamente, o cerco imperialista”. Ribeiro, Darcy; *O DILEMA DA AMÉRICA LATINA*; Vozes; Rio de Janeiro; 1983; p.254. Nas condições acima descritas, e muito prováveis na atualidade por motivos já expostos, difícil imaginar um processo lento, gradual, não traumático, evolutivo. Por falta de opções, a via socialista-revolucionária parece ser a única possível.

*produção. Não causa surpresa que a população camponesa se utilize, também, dos trilhos e da locomotiva para superar as contradições introduzidas pelo desenvolvimento das forças produtivas, e que são tão bem expressos pelo ferro e o aço da ação direta das massas”.*³⁶

Seria a ALCA a locomotiva do século XXI ? ...³⁷

Ainda que não seja, certamente dará grandes contribuições para o aguçamento das contradições de classe em nosso continente. Estas, por sua vez, não param de crescer na mesma medida em que não param de crescer as iniquidades de nossas elites dirigentes, crentes de que na história, a impunidade é eterna.

Independentemente de ALCA, as estruturas latino-americanas de produção e as relações sociais delas provenientes já nos empurram para crises sociais de grande envergadura. O emprego de forças produtivas mais desenvolvidas na agricultura de exportação, por exemplo, reduziu drasticamente a necessidade de comunidades que subsistiam ao redor dos latifúndios, que em épocas de colheita se assalariavam temporariamente. Grande parte destes contingentes, “aconselhados” a venderem suas terras – na melhor das hipóteses – ao latifúndio migram para as cidades ou engajam-se em movimentos contestatórios, como o Movimento dos trabalhadores Sem-Terra (MST) no Brasil. Vão se juntar aos seus antigos vizinhos que para lá foram primeiro, por razões muito semelhantes. Constituirão, junto com os demais excluídos do sistema produtivo citadino, os bolsões de miséria de nossa América.

A dinâmica deste movimento econômico-social é a dinâmica de um capitalismo periférico, subordinado e dependente. Detê-lo nos moldes em que opera, ou seja, capitalista, seria possível se contássemos com setores burgueses dispostos a se aliarem com outros setores democráticos e populares para fazerem frente à dominação imperialista, apresentando como alternativa um projeto de desenvolvimento nacionalista-modernizador, ou seja, em linhas gerais, que levasse em conta o desenvolvimento humano de seus povos. Analisado estritamente do ponto de vista econômico, tal projeto seria extremamente viável, pois uma distribuição menos desigual de renda já seria capaz de fazer surgir um enorme mercado interno de consumo de massa, fomentador de um desenvolvimento industrial autônomo e voltado para o abastecimento de nossas necessidades mais urgentes (alimentos, roupas, habitações populares, etc.). Tal não se dá justamente porque, como vimos, nossas burguesias só acidentalmente seriam nacionais, porque nascidas a contragosto aqui, mas nunca nacionalistas.

O desenvolvimento do processo de exclusão social no campo produz novos “êxodos rurais”. Sem um setor secundário apto a incorporar estas massas sobranças na produção, acomodam-se, quando muito, no setor mais pobre do terciário. Aos que já

³⁶ Carmelo, Adriano; *OLIGARQUIAS E REVOLUÇÃO MEXICANA*; UFF – Trabalho de América III; Prof. Norberto Ferreras; Rio de Janeiro; 2004; p. 10.

³⁷ ALCA: Área de Livre Comércio das Américas. Teoricamente, um projeto que teria como objetivo integrar economicamente toda a América, em proveito de todos. Na prática (o mais interessado nela são os EUA) se de fato implantada, a eliminação de barreiras alfandegárias, dentre outros fatores, levará pelos ares qualquer sonho latino-americano de independência econômica nos moldes do sistema sócio-econômico capitalista. O livre comércio entre estruturas produtivas extremamente desiguais do ponto de vista sobretudo tecnológico é a liberdade dos monopólios devorarem seus concorrentes. Aumento da concentração de renda, esmagamento dos setores médios, enfim, tudo aquilo que já vimos ao tratarmos do México de 1910 são as conseqüências naturais deste processo. A implantação da ALCA num ambiente político e econômico orientado pelo neoliberalismo, quer dizer, dominado por concepções de que a desigualdade social estimula a competição que por sua vez traz o progresso; que gastos públicos no social caminharão no sentido de diminuir desigualdades e, portanto, diminuir o progresso; tudo isso – ALCA e neoliberalismo – converterá a América Latina num barril de pólvora, seguramente.

residem nas cidades, o desemprego estrutural, somado a políticas neoliberais cujos governos “lavam as mãos” para os problemas sociais, exclui dia a dia novos e novos contingentes. Temos, pois, um sistema sócio-econômico excludente. Sobras do campo e sobras da cidade aglomeram-se nas cidades ou nas periferias dos centros urbanos, fenômeno historicamente recente para o qual o nosso aparato conceitual clássico – só com muito esforço – tem valor explicativo.

Tais são os marginalizados; todos aqueles excluídos de qualquer possibilidade de serem integrados ao sistema econômico vigente como mão-de-obra regular, ainda que na condição de reserva, em virtude da incapacidade do próprio sistema de aproveitar toda a força de trabalho disponível. Compreender as limitações e potencialidades políticas dessas massas marginalizadas constitui um desafio para as esquerdas latino-americanas. Qualquer projeto político de grande alcance estará condenado ao fracasso se não incorporar estas massas marginalizadas no processo de reordenamento estrutural.

Quando utilizo a expressão “marginalizados”, querendo com ela indicar, grosso modo, um contingente específico de indivíduos que se encontram “à margem” da economia capitalista, não pretendo afirmar que tais contingentes não estejam de alguma forma inseridos nesta economia. É evidente que se sobrevivem, ainda que miseravelmente, o fazem trocando mercadorias, incluindo a sua própria força de trabalho. Não há, nos centros urbanos, condições para economias de subsistência. Estão inseridos sim, na economia, como adiante poderemos verificar ao examinarmos o conceito de marginalidade utilizado aqui; mas estão inseridos em condições tão precárias, extraordinariamente tão precárias que é difícil concebê-los como integrados ao sistema.

“[Os marginalizados] São representados nas cidades pelos biscateiros, vendedores ambulantes, carregadores, empregados de serviços subalternos, sem emprego fixo e sem sindicato, e pelas empregadas domésticas, lavadeiras, mendigos, prostitutas, etc.

(...)

Fenômenos semelhantes de marginalização da força de trabalho ocorreram em fases históricas correspondentes do processo de industrialização em sociedades que cresceram por aceleração evolutiva. Naqueles casos, porém, se configuraram como ‘exércitos industriais de reserva’, ou como ‘superpopulação relativa’ ou ainda como ‘lumpemproletariados’ (C. Marx, 1859 – VIII, XIII e XXIII)³⁸. No primeiro caso, a massa de desocupados cumpria a função de comprimir os salários por constituir uma oferta permanente de mão-de-obra. No segundo, as populações sobrantes foram compelidas a imigrar para o além-mar onde constituíram os ‘povos transplantados’. No terceiro caso, tratava-se aparentemente de um contingente desarraigado, entregue a uma vida azarosa muito próxima à criminalidade que foi sendo reduzido numericamente à medida em que o sistema conseguia integrar a maioria da população nas atividades produtivas. Nos três casos se tratava dos efeitos traumatizadores de uma renovação nos processos produtivos e da conseqüente relocação da força de trabalho. Portanto, o sistema dispunha de mecanismos autocorretivos para controlá-los.

As massas marginalizadas das economias dependentes geradas por incorporação histórica configuram um caso à parte. Embora sofram, em condições ainda mais graves, os efeitos traumatizantes da renovação das atividades produtivas, não se beneficiam daqueles mecanismos autocorretivos. Elas não são ‘exército de reserva’ porque não chegaram a ser conscritas na força de trabalho da matriz tecnicizada do sistema e não têm perspectiva alguma de serem absorvidas enquanto prevalecer a ordenação social vigente. Não são também um ‘lumpemproletariado’, embora existam dentro das massas marginalizadas grandes contingentes de vagabundos, degradados pelas condições de

³⁸ Trata-se do livro de Karl Marx, *O Capital, Livro 1 – O processo de produção do capital, cap. VIII, XIII e XXIII*.

existência a que são submetidos. Tampouco formam uma ‘superpopulação relativa’ porque não se lhes oferece qualquer oportunidade de imigração maciça. E sobretudo porque, no seu caso, dificilmente se poderia falar de um excedente de população devido a uma desproporção entre a massa de habitantes e os recursos necessários à sobrevivência, exploráveis segundo a tecnologia disponível dentro do sistema sócio-econômico vigente.

(...) às deformações sociais oriundas do período colonial somaram-se novos fatores traumatizantes acarretados pela modernização reflexa dos setores produtivos por via da nova incorporação histórica realizada através da industrialização recolonizadora.

(...)

Nos seus desdobramentos mais recentes (...) esse processo gera mais marginalizados do que integrados, mais subemprego e desemprego do que condições estáveis de trabalho, por excluir crescentes parcelas da força de trabalho do sistema modernizado de produção e de consumo. Em conseqüência, condena a maioria da população a uma existência miserável e humilhante, que corresponde a uma posição regular na estrutura sócio-econômica e na estratificação social, configurando a classe oprimida a que se refere Marx”.³⁹

Os marginalizados não são desejáveis para o capital, como o exército industrial de reserva. Este cumpre a função de manter o preço da força de trabalho no seu nível de subsistência, na melhor das hipóteses. Aqueles, com suas misérias, fazem com que os integrados se sintam privilegiados, amortecendo os conflitos de classe. Mas não cumprem nenhuma função econômica. Resulta disto o tratamento que lhes é dado: em geral, as primeiras vítimas de políticas governamentais de controle despótico da natalidade,

³⁹ “Nas cidades grandes, a maioria dos marginalizados sobrevive através de mil modalidades de interação econômica que estabelecem entre si e com os integrados no sistema. Entre si em empreendimentos singelos como a construção dos seus ranchos precaríssimos que constituem, não obstante, a única arquitetura que atende à maioria da população; no trabalho eventual em microempresas que produzem e vendem a roupa que usam, os artigos alimentícios que consomem e algumas manufaturas que só têm curso no mercado dos marginalizados. Na interação com os integrados na matriz do sistema as relações econômicas se estabelecem através do engajamento dos homens nos setores menos qualificados e pior pagos da força de trabalho como assalariados de pequenas indústrias arcaicas, de empresas artesanais e de oficinas de reparação, como operários da construção civil, vendedores ambulantes ou carregadores eventuais ou como biscateiros para qualquer serviço subalterno. As mulheres se engajam principalmente como serviçais domésticas, lavadeiras, costureiras pobres ou dedicando-se às formas mais baixas de prostituição. As crianças trabalham como pequenos engraxates, vendedores de jornais, de frutas ou de comidas e doces caseiros ou outros artigos de fácil colocação. Os velhos se ocupam também no microcomércio urbano como vendedores ambulantes, na coleta de garrafas ou de papel usado, na guarda de carros, na cata de lixo; na mendicância ou engajando-se no escambo precaríssimo das próprias áreas marginais em que se vende e se troca toda a sorte de restos; e, ainda, plantando e criando galinhas, cabras e porcos ou fabricando pequenos objetos artesanais nos terrenos baldios onde se alojam.

Homens, mulheres e crianças vivem sob a obsessão permanente de obter algum recurso para atender às necessidades quotidianas mais prementes. Além da fome e da necessidade, pesam sobre os marginalizados três outros flagelos: a promiscuidade, a violência e o vício. A promiscuidade se torna inevitável em suas moradias precaríssimas onde se enseja uma sexualidade desregrada e prematura tanto mais penosa porque não corresponde a seus padrões éticos. A violência, sempre presente, provém em primeiro lugar dos agentes da ordem pública e, ademais, dos conflitos entre eles próprios e do autoritarismo que rege as relações familiares. O vício, representado principalmente pelo alcoolismo – mas também pela maconha [hoje poderíamos acrescentar a cocaína] – é a um tempo fuga e protesto contra uma existência desesperante. Apesar desses flagelos, persistem os vínculos que unem mães a filhos, criados com o maior sacrifício e uma solidariedade essencial que ameniza o convívio e propicia ajuda mútua. Permanece também, ao lado de um conformismo resignado e fatalista, certa esperança de que o amanhã será melhor que o hoje e o ontem. E se preserva, sobretudo nas crianças e nos jovens, uma espantosa alegria de viver pronta a exprimir-se em riso, canto e dança.” Ribeiro, Darcy; *O DILEMA DA AMÉRICA LATINA*; Vozes, Petrópolis; 1978; pp. 67, 72, 73, 74 e 75. A citação foi extensa, não há como negar. A fiz por achar que a descrição empírica dificilmente caberia inteiramente numa categoria analítica qualquer, mas também pela importância que o assunto tem para uma compreensão adequada da América Latina contemporânea.

assessoradas muitas vezes por organizações ou fundações norte-americanas, bem como a “limpeza” diária de que são vítimas, eliminação de parte importante de sua juventude, via aparato policial e grupos de extermínio, estes atuando quase sempre com a condescendência criminosa ou com a participação direta de agentes da ordem pública.

Como se vê, toda uma gama enorme de processos em pleno curso estão dando forma a condições objetivas que ao tornarem necessária uma revolução, a fazem - a um tempo - possível.

AS CONDIÇÕES SUBJETIVAS

O desafio com que se defrontam as esquerdas latino-americanas – no plano teórico – reside na capacidade de mobilizar as energias criativas do livre pensamento, engessadas – desde sempre – num seguidismo a teorias revolucionárias alçadas de realidades estranhas à nossa. Culturalmente atrasados, porque constituídos apenas para o trabalho obediente, nunca fomos capazes de olhar para nossas sociedades tal como realmente eram, encaixando-a forçosamente num aparato conceitual que só em traços muito gerais guardavam alguma semelhança. Assim, encontramos “burguesia nacional” onde só havia empresários ansiosos por se associarem ao imperialismo; encontramos senhores feudais onde só havia empreendimentos nitidamente capitalistas. Transportamos mecanicamente para cá as teorias explicativas de outros espaços e de outros tempos.⁴⁰

Nas universidades, nos círculos mais restritos da intelectualidade latino-americana – sobretudo a de orientação marxista não ortodoxa –, na literatura historiográfica, mas não só nela, é possível perceber que tais debilidades já foram por demais superadas. No entanto, por diversos fatores – também históricos – o trânsito de idéias entre a intelectualidade e os agrupamentos de esquerda latino-americanos sempre foi difícil. Primeiro porque nunca contamos com fartura de intelectuais, por razões já ditas, e muito menos com intelectuais revolucionários, ao contrário do que se deu, por exemplo, na Rússia czarista. Segundo porque a intelectualidade e as organizações de esquerda se discriminam mutuamente. Aos olhos da militância “prática”, a intelectualidade desvinculada de qualquer organização de esquerda não seria revolucionária e, portanto, digna de ser considerada. Nestas condições, quando necessário, recorrem aos quadros superiores de suas organizações, a maioria dos quais mergulhados na ortodoxia mais fundamentalista, reproduzindo - de geração a geração - o dogmatismo.⁴¹ A intelectualidade, por sua vez, isolada no seu mundo acadêmico, cujos quadros – em sua maioria – são provenientes dos estratos mais abastados da sociedade, não consideram (há muitas exceções) importante a troca, já que – aos seus olhos – nada há para se trocar.

Uns e outros estão aptos a superarem suas barreiras, mas falta-lhes ainda a humildade necessária. Nos dois casos, temos universos culturais que tendem a se renovar, como qualquer cultura em ambientes mais ou menos fechados. Talvez seja preciso uma

⁴⁰ É muito comum encontrarmos militantes de esquerda que dominam com bastante mestria a história da Revolução Russa, por exemplo, mas que revelam certa ignorância sobre a história de seus próprios países. A ortodoxia, o dogmatismo vem de dentro das próprias organizações de esquerda, de suas políticas de formação de quadros, etc.

⁴¹ Muitos quadros de esquerda, ao se verem na posição de “liderança”, sentem-se na preocupação de preservarem a sua “imagem” enquanto tais. Líderes são os que sabem e nunca erram. É sintomático, por exemplo, a participação de algumas lideranças estudantis nas aulas de história. Embora teoricamente deveriam ser as que mais fariam perguntas aos professores, porque militantes, são os que menos perguntam, salvo raras exceções. Não há perguntas, há *posicionamentos políticos*; não há perguntas, há *esclarecimentos políticos*. Buscar as origens deste comportamento é das coisas mais complicadas, mas seguramente nos remeteria à divisão entre trabalho intelectual e braçal, este historicamente considerado degradante por ser de escravo; as influências do stalinismo, do populismo, enfim... Eis aí uma síntese de muitas determinações.

miséria ainda maior de nossos povos para que ambos se entendam. Todos ganharíamos com isto.

No plano prático, a unidade de todas as forças políticas progressistas constitui o maior dos desafios. A experiência chilena demonstra que é possível, ainda que consuma décadas de preparação, a unidade das esquerdas em torno de um programa mínimo de transformações da sociedade.⁴² Entretanto, fora as divergências ideológicas decorrentes de interesses de classe diversos, ainda temos de enfrentar os reflexos – muito presentes entre nós – de um processo histórico que, de certa forma, nos incapacitou para o convívio democrático. Dialogar, entender-se com posições divergentes, impedir que divergências políticas se convertam em problemas pessoais não tem sido o nosso forte. Este mérito pertence às elites latino-americanas, indiscutivelmente.

Esta incapacidade para o diálogo tem suas raízes históricas. O caso brasileiro é bastante ilustrativo. “(...) De um modo geral, os analistas de nossa formação histórico-cultural têm insistido direta ou indiretamente na nossa ‘inexperiência democrática’. Na ausência, no tipo de formação que tivemos, daquelas condições necessárias à criação de um comportamento participante, que nos tivesse levado à feitura de nossa sociedade, com ‘nossas próprias mãos’(...).

Realmente o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas. Nota: O Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo. De cabeça baixa, com receio da Coroa. Sem imprensa. Sem relações. Sem escolas. ‘Doente’. Sem fala autêntica. Depois de uma citação latina, que termina com a palavra *infans*, diz Vieira num dos seus sermões: ‘Comecemos por esta última palavra, *infans*, infante, quer dizer o que não fala. Neste estado estava o menino Batista, quando a senhora o visitou, e neste estado estava o Brasil muitos anos que foi, a meu ver, a maior ocasião de seus males. Como doente não pode falar, toda outra conjectura dificulta muito a medicina. Por isso Cristo nenhum enfermo curou com mais dificuldade, e em nenhum milagre gastou mais tempo, que em curar um endemoniado mudo; o pior acidente que teve o Brasil em sua enfermidade foi o tolher-se-lhe a fala: muitas vezes se quis queixar justamente, muitas vezes quis pedir os remédios de seus males, mas sempre lhe afogou as palavras na garganta, ou o respeito, ou a violência: e se alguma vez chegou algum gemido aos ouvidos de quem devera remediar, chegaram também as vozes do poder e venceram os clamores da razão’. O sentido marcante da nossa colonização, fortemente predatória, à base da exploração econômica do grande domínio, em que o ‘poder do senhor’ se alongava ‘das terras às gentes também’ e do trabalho escravo, inicialmente do nativo e posteriormente do africano, não teria criado condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade permeável, flexível, característica do clima cultural democrático, no homem brasileiro.

(...) Em verdade, o que caracterizou, desde o início, a nossa formação, foi, sem dúvida, o poder exacerbado. Foi a robustez do poder em torno de que foi se criando um quase gosto masoquista (Gilberto Freyre) de ficar sob ele a que correspondia outro, o de se ser o todo-poderoso. Poder exacerbado a que foi se associando sempre submissão. Submissão de que decorria, em conseqüência, ajustamento, acomodação e não integração.

A acomodação exige uma dose mínima de criticidade. A integração, pelo contrário, exige um máximo de razão e consciência. É o comportamento característico dos regimes flexivelmente democráticos. O problema do ajustamento e da acomodação se vincula ao do mutismo a que já nos referimos, como uma das conseqüências imediatas de

⁴² Para uma discussão sobre a experiência chilena que levou ao poder Salvador Allende, derrubado por um sangrento golpe militar em 1973, onde caiu morto, ver: Kudátchkin, Mikhail; *CHILE: EXPERIÊNCIA DE LUTA PELA UNIDADE DAS FORÇAS DE ESQUERDA E POR TRANSFORMAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS*; Edições Progresso; Moscovo; 1978.

nossa inexperiência democrática. Na verdade, no ajustamento, o homem não dialoga. Não participa. Pelo contrário, se acomoda a determinações que se superpõem a ele. As disposições mentais que criamos nestas circunstâncias foram assim disposições mentais rigidamente autoritárias. Acríticas (grifos meus)”.⁴³

As esquerdas latino-americanas, salvo algumas exceções, por não atentarem para as singularidades históricas de seus povos, têm fracassado na tarefa de mobilização de setores populares mais amplos. Seu proselitismo político, de difícil compreensão, só encanta alguns poucos setores, como estudantes universitários e uma ou outra categoria de trabalhadores mais qualificada. Falta-lhes – ainda – sensibilidade para escutarem o povo, seus saberes, suas opiniões, suas reivindicações mais urgentes. Mergulhadas em teorias explicativas de enorme complexidade, dão as costas às necessidades mais singelas de suas bases, centrando suas reivindicações em questões macroeconômicas ou geopolíticas de grande alcance.

O problema que nos oferece este divórcio entre povo e suas possíveis vanguardas reveste-se de um caráter dramático quando assistimos a configurações de condições mais do que objetivas, quase que em decomposição, e a ausência de partidos ou frentes de esquerda que, uma vez dispondo do prestígio e da confiança das massas, estejam aptas a exercerem – de fato – suas atribuições como vanguarda.

A simplificação das estruturas de classe e das estratificações sociais latino-americanas se encarregará de facilitar as coisas. No ritmo em que anda sobretudo o esmagamento dos setores médios, base social de muitas teorias políticas idealistas (como algumas correntes do anarquismo), as sociedades latino-americanas – ao que todo o desenvolvimento histórico indica – se configurarão como sociedades, grosso modo, de duas classes: sociedades sem setores médios amortecedores. Tal simplificação trará à tona as contradições fundamentais de nossas sociedades, facilitando os esforços teóricos de explicação da realidade e de proposição de novos reordenamentos sócio-culturais. Somente os cegos – daqueles que se recusam a ver – e os pobres de espírito não serão capazes de compreender que a única saída para nossas sociedades será – a um tempo - a ruptura com o imperialismo e seus sócios locais, e o planejamento econômico voltado para a solução de nossas mazelas seculares. Só o socialismo, portanto, nos será útil.

CONCLUSÃO

As conjunturas pré-revolucionárias latino-americanas, desde a colonização, se fizeram presentes em virtude da incapacidade dos sistemas sócio-econômicos aqui instalados de promoverem o mínimo de bem-estar social a nossos povos. Que o diga Túpac Amaru, Toussaint-L’ouverture ou Simón Bolívar, dentre tantos outros.

As estruturas neocoloniais herdadas dos processos de independência apenas política, constituindo Cuba um caso à parte, na atual etapa do desenvolvimento extremamente veloz das forças produtivas e de competição acirrada entre os blocos econômicos mundiais (União Européia, NAFTA e “Tigres Asiáticos”) permitem, sem grandes esforços, às metrópoles modernas arrojarem a exploração de suas colônias de novo tipo. A competição interimperialista não lhes oferece outra opção. São imposições das condições histórico-econômicas, como diz Eric Williams.⁴⁴

Com o fim da União Soviética, as potências capitalistas se viram na possibilidade de se livrarem do fardo cujo nome é Estado de Bem-estar Social. O neoliberalismo é a expressão teórica moderna deste retorno ao liberalismo, mas numa etapa superior da

⁴³ Freire, Paulo; *EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE*; Paz e Terra; Rio de Janeiro; 1983; Capítulo 2 – Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática.

⁴⁴ Vide nota de rodapé nº 16.

espiral.⁴⁵ Os processos de exclusão social atingem inclusive as sociedades metropolitanas. Nelas, os efeitos do desenvolvimento capitalista só não são maiores porque exportados para o chamado mundo subdesenvolvido. Por ironia da história, na atualidade, a maior exportadora de revoluções é justamente aquela potência que, na década de 1960, no auge da Guerra Fria, acusava os partidos de esquerda latino-americanos, sobretudo os comunistas, de serem agentes do comunismo internacional, orientados pela URSS para importarem revoluções ao continente. Hoje, os importadores de revoluções são as transnacionais instaladas em nossos países, mas também os invisíveis especuladores de câmbio, de dívidas, de ações, enfim, estas figuras sombrias que o capitalismo parasitário e moribundo criou.

Cuba constitui para nós um exemplo de que, mesmo experimentando mudanças radicais nas estruturas sócio-econômicas e políticas, a independência econômica não se fez presente. Não fosse a ajuda inicial da URSS e o socialismo cubano teria se convertido na socialização da miséria, dado o isolamento a que se viu mergulhado desde quando resolveu enfrentar – de armas na mão – o imperialismo. Independência econômica, num mundo ainda dominado pelo capitalismo, pressupõe forças produtivas aptas a concorrerem – de igual para igual – num mercado mundial regido pela lei do valor, em cujo intercâmbio desigual reside a riqueza de uns poucos países em detrimento da pobreza de quase todo o globo terrestre. Cuba, a despeito de todos os esforços neste sentido, ainda não se libertou de seu passado colonial de produtora de produtos primários. Com o fim do apoio soviético, enfrenta hoje condições verdadeiramente dramáticas, vendo-se na contingência de fazer acordos com outros blocos econômicos para não se ver esmagada, inclusive por intervenções armadas em seu próprio território, hipótese que nunca fugiu dos cálculos dos círculos norte-americanos mais reacionários. Acredito que isto ainda não se deu porque as conseqüências políticas seriam imprevisíveis. Podem invocar forças anti-imperialistas adormecidas em toda a América Latina⁴⁶. Ademais, o povo cubano, preparado ideologicamente – durante décadas – para tal possibilidade lutará até o último homem, reeditando Canudos, de Antônio Conselheiro, sobretudo porque tem o que defender: as melhorias sociais que, mesmo em condições extremamente adversas, o socialismo foi capaz de promover.

O exemplo de Cuba nos autoriza a afirmar que somente a libertação de um bloco de países relativamente desenvolvidos abre perspectivas reais de libertação econômica completa. Uma Bolívia socialista sucumbiria, ademais porque sequer possui saída para o mar. Mas um bloco do tipo Brasil-Argentina-Venezuela, por exemplo, enfrentaria o cerco imperialista em condições muito mais confortáveis, sobretudo porque suas economias, ajudando-se mutuamente, seriam auto-suficientes em itens estratégicos, como o petróleo, por exemplo.

Mas serão enormes as dores do parto...

“Definitivamente, é preciso levar em conta que o imperialismo é um sistema mundial, última etapa do capitalismo, e é necessário derrotá-lo em uma grande confrontação mundial. (...) É absolutamente justo evitar todo sacrifício inútil. Por isso é tão importante o esclarecimento das possibilidades efetivas que tem a América dependente de se libertar de forma pacífica. Para nós está clara a solução para esta interrogação: poderá ser ou não o momento atual o indicado para iniciar a luta, mas não podemos alimentar nenhuma ilusão, nem temos o direito a obter a liberdade sem

⁴⁵ Vide nota de rodapé nº 33.

⁴⁶ Comentário colhido de entrevista informal sobre o tema com o professor Geraldo Beauclair, do Departamento de História da UFF.

combater. E os combates não serão meras lutas de rua, de pedras contra gases lacrimogêneos, nem de greves gerais pacíficas; nem será a luta de um povo enfurecido que destruirá em dois ou três dias a estrutura repressiva das oligarquias dominantes; será uma luta longa, cruenta, cuja frente estará em refúgios guerrilheiros, nas cidades, nas casas dos combatentes – onde a repressão irá buscar vítimas fáceis entre seus familiares -, na população camponesa massacrada, nas aldeias ou cidades destruídas pelo bombardeio inimigo. (...) Isso significa uma guerra longa. E, repetimo-lo uma vez mais, uma guerra cruel. Que ninguém se engane quando for iniciá-la e que ninguém vacile por temor aos resultados que possa trazer para seu povo. É quase que a única esperança da vitória”⁴⁷.

De todas as regiões subdesenvolvidas, é a América Latina a que mais possibilidades têm para se ver livre do imperialismo. O português e o espanhol não são línguas de difícil intercâmbio. A imposição do cristianismo deu-nos certa unidade cultural. Dispomos de riquezas naturais (minérios, petróleo, água, biodiversidade, terras férteis, etc.) mais do que suficientes para as nossas próprias necessidades. Apesar da destruição generalizada de forças produtivas em períodos de guerra, temos povos já calejados no enfrentamento de adversidades de todo tipo, e uma facilidade incrível de sermos felizes com muito pouco. E seremos.

“Posso ver o socialismo, seguramente. Sim, ele está lá; posso vê-lo...”

*Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão*

*Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição.*

*Prá não dizer que não falei das flores
Geraldo Vandré.*

*Evandro de Oliveira Machado
Em 12 de dezembro de 2004.*

⁴⁷ Guevara, Che; *MENSAGEM AOS POVOS DO MUNDO ATRAVÉS DA TRICONTINENTAL*; 1967; IN: GUEVARA, CHE; Coleção América Latina – Série Nossa História, Nossos Problemas, Volume 9; *POR UMA REVOLUÇÃO INTERNACIONAL*; Editora Edições Populares; São Paulo; 1987; pp. 103, 104 e 106.